

ESTUDOS RADIOFÔNICOS SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO:

ANÁLISE CRÍTICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Debora Cristina Lopez¹

Juliana Gobbi Betti²

Marcelo Freire³

Resumo:

Neste artigo, buscamos analisar o lugar atribuído à produção científica feminina nos estudos radiofônicos brasileiros, identificando a referência ao trabalho acadêmico de pesquisadoras/es a partir de uma perspectiva de gênero. Para isso, realizamos uma análise de base cientométrica de artigos publicados em anais de eventos de três dos principais congressos de comunicação do Brasil: Encontro Nacional de Pesquisadores de História da Mídia (Grupo de Trabalho História da Mídia Sonora); Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora); e Encontro Nacional da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (sem grupo específico no período da amostra, analisamos os anais completos). Os resultados principais revelam um baixo reconhecimento da mulher como produtora de conhecimento e uma naturalização do homem como o sujeito de referência no campo científico.

Palavras-chave: Estudos Radiofônicos; Gênero; Produção científica

Abstract:

In this article, we seek to analyse the place attributed to female scientific production in Brazilian radio studies, identifying references to the academic work of female researchers from a gender perspective. To this end, we conducted a scientometric analysis of articles published in the proceedings of three of Brazil's main communication conferences: National Conference of Media History Researchers (History of Audio Media Working Group); Brazilian Congress of Communication Sciences (Radio and Audio Media Research Group); and National Conference of the Association of Postgraduate Programmes in Communication (with no specific group in the sample period, we analysed the complete proceedings). The main results reveal a low recognition of women as producers of knowledge and a naturalisation of men as the reference subject in the scientific field.

Keywords: Radio Studies; Gender; Scientific Production

Resumen:

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da UFOP. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), desenvolveu estágios pós-doutorais na Universidad de Extremadura e na UERJ. É bolsista Produtividade em Pesquisa Pq-2 (CNPq). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef). Integra a nucleação Sul/Sudeste do INCT Caleidoscópio.

² Bolsista BDCTI-Fapemig e pesquisadora visitante do PPGCOM-UFOP. Doutora e Mestre em Jornalismo pelo PPGJOR-UFSC, desenvolveu estágio pós-doutoral junto ao PPGCOM-UFOP, com bolsa institucional. Diretora científica da ALCAR. Coordena o Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef) e integra a Nucleação Sul-Sudeste do Observatório do INCT Caleidoscópio.

³ Marcelo Freire é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), desenvolveu estágio pós-doutoral na Universidad de Extremadura. É coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais da UFOP (LabHD UFOP) e integra o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

En este artículo, buscamos analizar el lugar que se le atribuye a la producción científica femenina en los estudios radiofónicos brasileños, identificando las referencias al trabajo académico de investigadoras e investigadores desde una perspectiva de género. Para ello, realizamos un análisis cuantitativo de los artículos publicados en las actas de tres de los principales congresos de comunicación de Brasil: Encuentro Nacional de Investigadores de Historia de los Medios de Comunicación (Grupo de Trabajo Historia de los Medios Sonoros); Congreso Brasileño de Ciencias de la Comunicación (Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros); y Encuentro Nacional de la Asociación de Programas de Posgrado en Comunicación (sin grupo específico en el período de la muestra, analizamos las actas completas). Los principales resultados revelan un bajo reconocimiento de la mujer como productora de conocimiento y una naturalización del hombre como sujeto de referencia en el campo científico.

Palabras clave: Estudios radiofónicos; Género; Producción científica.

Introdução

Pioneiras e lideranças, as mulheres contribuíram notavelmente para a formação e a consolidação dos estudos radiofônicos no Brasil (Prata; Mustafá; Pessoa, 2014). Sua participação histórica inclui a autoria da primeira dissertação sobre o meio - apresentada por Maria José Antunes de Andrade Lima (Zita de Andrade Lima) em 1967 (Lima, 1970) - e da primeira tese - defendida por Gisela Swetlana Ortriwano em 1990 -, passando pela criação e coordenação de grupos e redes de pesquisa em diferentes instituições científicas, atuação em programas de pós-graduação, além de uma vasta, diversa e constante produção.

Observa-se, no entanto, que esse protagonismo não vem se refletindo proporcionalmente no reconhecimento dos pares, sendo as mulheres até três vezes menos referenciadas do que os homens em textos de autoria masculina e duas vezes menos em textos de autoria feminina, sejam esses individuais ou coletivos (Betti et al., 2024). Embora ainda em estudo, o cenário que vem se revelando é preocupante, especialmente considerando a referenciação como dado significativo para o entendimento da configuração epistemológica do campo, incluindo seus processos e estruturas de legitimação e de exclusão de vozes e saberes.

Assim, esta pesquisa propõe analisar o lugar atribuído à produção científica feminina nos estudos radiofônicos, identificando a referenciação ao trabalho acadêmico de pesquisadoras mulheres. Em continuidade a iniciativas anteriores (Lopez; Betti; Freire, 2024; Lopez et al., 2024) e integrando um projeto mais amplo, intitulado “Metodologias

de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo” (CNPq)⁴, este texto parte da sistematização que vem sendo coletivamente empreendida, trazendo uma abordagem longitudinal da produção científica divulgada nos principais eventos da área da Comunicação, sendo 21 edições da Compós⁵, 13 da Alcar e sete da Intercom⁶, especificamente em relação às produções sobre rádio e mídia sonora. As análises se fundamentam na revisão sistemática, com amparo da cienciometria (Campos et al., 2021), e buscam, a partir de uma perspectiva de gênero, destacar categorias como: tipo de autoria (individual ou coletiva), origem dos autores/as, vinculação institucional, gênero textual citado e data da publicação, correlacionando-as aos dados dos pesquisadores/as e textos citantes.

Partindo da problematização das desigualdades de gênero na ciência e das limitações para a construção de um olhar interseccional, discute-se a especificidade do campo dos estudos radiofônicos, evidenciando que os dados consolidados até a presente etapa permitem reconhecer que há uma subvalorização da produção científica das mulheres. Naturalizada, essa subvalorização acarreta prejuízos diretos e indiretos não apenas para as pesquisadoras que têm sua produção invisibilizada, mas para a própria construção do conhecimento, limitado por perspectivas epistemológicas pouco diversas e que reforçam a estrutura androcêntrica da prática científica (Bandeira, 2008; Molina, 2021).

O gênero nos estudos radiofônicos (e de comunicação)

Como nos estudos radiofônicos, as mulheres contribuíram para o desenvolvimento da área da Comunicação no Brasil, produzindo conhecimento sobre diferentes temas e ocupando espaços de liderança em associações científicas. Além de Zita, anteriormente mencionada, outros nomes como Tereza Lúcia Halliday, Sarah

⁴ O projeto, coordenado por Debora Cristina Lopez e integrado por Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire (autoras e autor deste artigo), conta com a participação de aproximadamente 20 pessoas pesquisadoras com diferentes vínculos institucionais e níveis de formação.

⁵ Nos eventos da Alcar e da Intercom olhamos para os artigos publicados nos Grupos de Trabalho específicos de estudos radiofônicos. Na Compós, como o grupo só foi criado em 2023, fizemos a coleta de artigos publicados em todos os anais. A delimitação do período de coleta até 2021 respeita os prazos do projeto de pesquisa. Mesmo não possuindo, à época, um grupo específico, consideramos a relevância da Compós, um fórum que reúne docentes e discentes de programas de pós-graduação em Comunicação brasileiros, para o desenvolvimento da área, o que justifica sua inserção na amostra.

⁶ O projeto de pesquisa, em sua amostra completa, trabalha com a sistematização coletiva da produção científica divulgada nos principais eventos da área da Comunicação, sendo: 21 edições da Compós, 13 da Alcar e 29 da Intercom.

Chucid da Viá, Adísia Sá, Ecléa Bosi, Maria Nazareth Ferreira, Lucrecia D'Alessio Ferrara, Alice Mitika Koshiyama, Cremilda Celeste de Araújo Medina, Anamaria Fadul, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Maria Lucia Santaella Braga, Margarida Maria Krohling Kunsch, figuram entre as pioneiras que abriram os caminhos do campo acadêmico, para citar alguns exemplos.

Embora o protagonismo e a trajetória intelectual dessas mulheres sejam, em variados casos, amplamente reconhecidos pelos pares - e muitas tenham sido as conquistas femininas nas últimas décadas -, as desigualdades que afetam a organização e a compreensão das práticas científicas são estruturais, e estão diretamente relacionadas com o contexto social, inclusive, não se limitando às questões de gênero. Assim, aquém dos êxitos individuais, múltiplos preconceitos confluem para que as desigualdades persistam no cotidiano do trabalho acadêmico, impactando de diversas formas as condições de entrada, permanência e ascensão na carreira de diferentes mulheres. Alguns aspectos dessas desigualdades podem ser visualizados no conjunto de dados que vem sendo produzido no projeto de pesquisa “Ser mulher e pesquisadora no campo da Comunicação”, coordenado por Laura Wottrich e Milena Freire de Oliveira-Cruz. Traçando um retrato atual, o estudo conclui que:

No âmbito dos PPG, embora as mulheres sejam maioria entre discentes e docentes, há uma diminuição na participação feminina entre o professorado, também observada na distribuição das Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ), especialmente nos níveis superiores. Esses dados são indicativos de uma permanência do teto de vidro que atrapalha, por fatores sociais estruturais históricos relacionados ao desenvolvimento da carreira acadêmica, as mulheres pesquisadoras. Nas instituições do campo, há uma contribuição significativa das mulheres, embora muitas vezes fora das presidências e espaços de poder mais legitimados, ocupados majoritariamente por homens, com algumas raras exceções. No entanto, quando assumem a liderança, especialmente na Intercom, as mulheres tendem a ter diretorias mais femininas, o que sugere a configuração de redes de apoio como um dos recursos estimados para ocupar esses espaços. (Wottrich; Oliveira-Cruz, 2023, p. 159)

O teto de vidro, citado pelas autoras, é uma expressão utilizada para nomear a barreira invisível que dificulta (e impede) a progressão profissional das mulheres e sua presença em determinados espaços de maior poder e prestígio. Conforme explicam, trata-se de uma prática sutil e que, sendo configurada “historicamente por elementos de ordem social, institucional e subjetiva, se torna um dispositivo ao mesmo tempo de manutenção e invisibilização das desigualdades entre homens e mulheres na academia” (Wottrich;

Oliveira-Cruz, 2023, p. 142). A presença e a exclusão de espaços de visibilidade são variáveis que tendem a influenciar os processos de legitimação e reconhecimento da produção intelectual de suas autoras e seus autores, ao mesmo tempo em que essa legitimação e esse reconhecimento são, muitas vezes, critérios acionados para determinar a ocupação de espaços de visibilidade, criando um ciclo que favorece o *status quo*.

Ainda considerando as dinâmicas do trabalho acadêmico, a baixíssima presença - ou, na maioria das vezes, ausência - de produções femininas nos compêndios sobre o pensamento comunicacional que buscam historicizar ou estabelecer as bases epistemológicas de nossa área⁷ pode também ser entendido como sintoma e resultado das desigualdades, indicando o não reconhecimento da produção feminina como pertencente ao cânone. Geralmente, quando acontece, o destaque delas se dá de forma apartada, em obras segmentadas, como: Comunicação latino-americana: o protagonismo feminino (Marques de Melo; Gobbi; Barbosa, 2003) e Valquírias midiáticas (Marques de Melo; Assis, 2010).⁸ Embora cumpram bem o papel de contrapor a falaciosa ideia de que não haveriam contribuições relevantes de autoria feminina, tais iniciativas não sinalizam a efetiva inserção das mulheres no quadro teórico fundamental.

O entendimento desses processos se complexifica, embora a exclusão se torne ainda mais evidente, quando buscamos observar as interseccionalidades no perfil das mulheres que alcançam maior reconhecimento em suas trajetórias. São poucas as mulheres negras que figuram como professoras titulares, bolsistas produtividade, conferencistas de honra nos principais eventos, e ainda mais raras aquelas cujo pensamento é considerado essencial para desenvolvimento do campo da Comunicação.

Ainda que brevemente apresentado, este olhar para área permite compreendermos o contexto mais amplo em que se inserem as pesquisas em rádio e mídia sonora, em

⁷ Ao elaborar este estudo, revisitamos obras e programas de eventos em que o cenário se repete ao longo das décadas, entre os quais destacamos: Teoria e Pesquisa em Comunicação: Panorama Latinoamericano (Marques de Melo, 1983); História do pensamento comunicacional (Marques de Melo, 2003); os três volumes sobre o Pensamento Comunicacional Brasileiro (Marques de Melo; Fernandes, 2014, 2015, 2015); a coleção Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos: Histórias para contar (Lins da Silva; Marques de Melo; Gobbi; Moraes, 2015); Pensamento comunicacional na América Latina - textos antológicos e autores emblemáticos (Prata; Jaconi; Santana, 2019).

⁸ Neste sentido indicamos ainda as obras que vêm sendo publicadas a partir do projeto coletivo "Mulheres da Comunicação", liderado por Nilda Jacks, que trazem um olhar para as especificidades locais e regionais. E, ampliando a abrangência geográfica, indicamos os projetos "Do silenciamento à palavra: Mulheres nos estudos em Comunicação na América Latina" e "Enciclopédia Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) - Seção: MULHERES na Comunicação", desenvolvidos por Maria Cristina Gobbi.

particular no que se refere às questões de gênero. Nas publicações cujo interesse se direciona para tais subáreas de estudo, o panorama se repete. Nos dois volumes de Teorias do Rádio (Meditsch, 2005; Meditsch; Zuculoto, 2008), por exemplo, há apenas quatro textos de autoria feminina entre os trinta e um materiais selecionados como referências.⁹ É importante ressaltar que, considerando a Comunicação ou suas subáreas, estas observações não buscam empreender uma crítica isolada aos(as) autores(as) e organizadores(as) das obras citadas, nem mesmo diminuir a relevância das publicações, mas sim reconhecer a existência de um processo de apagamento que dificulta a legitimação das contribuições femininas ao desenvolvimento científico, ainda que de forma não intencional. Até porque, a demanda coletiva por uma postura mais crítica sobre a pluralidade de nossas epistemologias é relativamente recente. Podemos mensurar que, no âmbito dos estudos radiofônicos, particularmente no que se refere aos marcadores sociais de gênero e raça, ações mais diretas em prol da equidade datam mais marcadamente dos últimos cinco anos.

Como tema de interesse, as questões de gênero estão presentes nos estudos em comunicação no Brasil desde os primeiros anos da pós-graduação, ainda que pontualmente. Tainan Pauli Tomazetti (2020, p. 64) identifica que

[...] a primeira investigação sobre a temática foi produzida no ano de 1977: a dissertação Personagens femininas da telenovela em suas relações com o trabalho, de Dulce Monteiro, defendida no PPG da UFRJ, sendo a única pesquisa sobre a temática de gênero da década de 1970. A partir daí, entre os anos 1980-1990 há certa linearidade no número de investigações sendo realizadas, cerca de uma a cinco pesquisas até os anos 2000, quando esse número sofre um tímido aumento, de três a sete pesquisas por ano até 2009.

Sistematizando a produção dos programas de pós-graduação em comunicação até 2015, Tomazetti (2020) elenca 314 pesquisas com temática de gênero entre as 13.265 teses e dissertações encontradas. O autor observa que a curva de crescimento do interesse por esses estudos se acentua no último quinquênio, representando 2% da produção total no período. A tendência identificada é corroborada por Wottrich et al. (2023) ao olharem para os artigos publicados em periódicos nos anos de 2020 e 2021. Outros indicativos importantes são a criação de grupos de pesquisa e estudos tanto nos programas de pós-

⁹ Cabe mencionar a publicação Radialismo no Brasil: Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a Pioneira), organizada por José Marques de Melo e Nair Prata (2015).

graduação quanto nas associações científicas, bem como a escolha do diálogo entre comunicação e gênero como tema central de eventos científicos, conferências e mesas. Novamente, observa-se que os estudos em rádio vêm acompanhando o panorama geral. As primeiras pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação datam do final dos anos 1980, seguindo pontualmente pelas duas décadas seguintes até apresentarem um crescimento mais recente.

A organização dos estudos radiofônicos brasileiros

Os estudos radiofônicos brasileiros têm, como característica, uma diversidade de objetos de análise e de subáreas de investigação. Como lembra Valci Zuculoto (2016), já se vão mais de 55 anos de um olhar acadêmico orientado por essa diversidade no Brasil, mesmo que possamos afirmar que a consolidação do campo se estabelece principalmente a partir de 1991, com a criação do hoje denominado Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom (Del Bianco, Zuculoto, 2021; Prata, 2015). O objetivo deste espaço era “[...] divulgar a produção acadêmica –propiciando a reflexão e a crítica sobre o papel do rádio –, e estimular a pesquisa visando preencher as lacunas de conhecimento em relação à história, fatos, fases, técnicas, políticas, investimentos e transformações do meio” (Del Bianco; Zuculoto, 2021, p. 85).

Sonia Virgínia Moreira (2005) lembra que até a década de 1970 as obras eram escritas principalmente por comunicadores, ainda que devamos destacar algumas produções acadêmicas relevantes, como a dissertação defendida por Maria José de Andrade Lima (Zita de Andrade Lima), em 1967, na Universidade de Brasília¹⁰. Trata-se da primeira produção sobre radiojornalismo no Brasil (Lopez; Mustafá, 2012; Paiva, 2015). Neste período, Paiva (2015) destaca também as obras Rádio e Educação de Ariosto Espinheira (1934); Educação Fundamental pelo Rádio, de João Ribas da Costa (1956); Rádio Nacional – 20 anos de liderança a serviço do Brasil, de Heron Domingues (1956); Fundamentos jurídico-sociais da radiodifusão, de Saint Clair da Cunha Lopes (1957) e Cor, profissão e mobilidade – o negro e o rádio em São Paulo, de João Baptista Borges Pereira (1967)¹¹. A elas se somam, como indica Doris Fagundes Haussen (2018):

¹⁰ Publicada como livro em 1970, com o título “Princípios e técnica de radiojornalismo”.

¹¹ A obra, derivada de pesquisa defendida em 1967, foi publicada como livro em 2001.

“Jornalismo Audiovisual”, de Walter Sampaio (1971) e “O amigo da madrugada: uma análise da comunicação radiofônica do Grande Rio”, de Erica Herd (1978).

Estas obras refletem a preocupação com a educação através do rádio, característica do período, e com a organização do campo – seja através do ordenamento jurídico ou do olhar sociológico para o meio. A obra de Pereira (1967) merece também destaque pela sua abordagem complexa, pelo olhar para o debate de raça e pela perspectiva plural que assume na leitura dos objetos sonoros (Lopez, Betti e Freire, 2024). Na década de 1980 a pesquisa em rádio começa a ganhar espaço na universidade. É interessante observar o crescimento da autoria feminina nas publicações de referência elencadas por Sonia Virgínia Moreira e Nelia Del Bianco (1999) nesse contexto. Entre os principais nomes citados estão: Gisela Swetlana Ortriwano, Mirian Goldfeder, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Edileuza Soares, Doris Fagundes Haussen e a própria Sonia Virgínia.

Ao classificar as publicações da área anteriores à formação dos grupos em eventos especializados, Moreira (2005) caracteriza três momentos: 1) as décadas de 1940 e 1950, com os manuais de redação e registros impressos sobre o meio; 2) as décadas de 1960 e 1980, com livros testemunhais; 3) a partir de 1990, com obras acadêmicas que refletem percepções sociais sobre o meio. Esta organização, que primeiro busca normatizar as práticas e relatar experiências para depois lançar uma perspectiva complexificadora sobre o objeto, repete-se também nos artigos dos grupos especializados e demais fóruns de debate. De acordo com Nair Prata (2021), a pesquisa em rádio no Século XXI concentra-se nos grupos de associações científicas¹², mas também nos grupos de pesquisa registrados no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq e em funcionamento nas universidades brasileiras (em 2021, a autora identificou 48 grupos com rádio como objeto de estudos no DGP) e nas ações isoladas de pesquisadores, especialmente profissionais do meio.

Para Haussen (2018), a ampliação das defesas de teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação é um marco para a área, especialmente a

¹² Atualmente, além do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom existem os seguintes fóruns especializados: Grupo Temático História da Mídia Sonora na Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia; a Rede de Pesquisa em Jornalismo Sonoro (Rede Radiojor) na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo; o Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos; o Grupo de Interesse Rádio e Mídia Sonora da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação. A eles somam-se os encontros bienais do Simpósio Nacional do Rádio e os Encontros da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (Rubra).

partir da titulação e incorporação como orientadoras e orientadores de pós-graduação, entre outros, de Eduardo Meditsch, Sonia Virgínia Moreira, Nelia Del Bianco, Doris Fagundes Haussen, Valci Zuculoto e Carlos Eduardo Esch¹³. A autora também destaca o pioneirismo de Gisela Ortriwano (USP) na produção de sua tese e na formação de pesquisadores que constituíram-se como a base dos estudos radiofônicos brasileiros.

A estruturação do campo se configurou com a reunião de poucos pesquisadores que compartilhavam inquietações e interesses e se converteu, a partir dos esforços que empreenderam, em uma mobilização mais ampla e coletiva. Cabe destacar o protagonismo feminino nesse processo, tanto na gestão dos grupos e na liderança dos trabalhos coletivos desenvolvidos quanto na produção de conhecimento, a partir de projetos próprios e de orientações.

Não só a organização e consolidação do campo de pesquisa em si, mas a organização deste caráter coletivo de construção do conhecimento científico também marca os estudos radiofônicos brasileiros (Prata, 2021; Del Bianco & Zuculoto, 2021). Nelia Rodrigues Del Bianco e Valci Zuculoto (2021) lembram que entre 1997 e 2020, o GP Rádio e Mídia Sonora realizou 15 pesquisas coletivas que derivaram em produções bibliográficas. Mais importante do que o quantitativo é a dinâmica organização, sempre coletiva, construída a partir da convergência de interesses mútuos; da construção de abordagens teóricas e metodológicas cooperadas; da aceitação do aprendizado conjunto como uma estratégia; da concordância das condições de igualdade dos participantes no debate; da padronização de resultados obtidos e do compartilhamento aberto dos resultados (p. 87-88).

Os esforços e as estratégias adotadas no Grupo de Pesquisa reunido na Intercom expandiram-se também para os demais fóruns de pesquisa em rádio e mídia sonora do país, como a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR), a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), a Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA), a Associação Brasileira do Ensino de Jornalismo (ABEJ) e, mais recentemente, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS). Um dos atuais desafios apontados pelas autoras na constituição destas pesquisas é a delimitação teórico-metodológica, que carece de

¹³ A autora aponta a contribuição de outros pesquisadores em momentos distintos da formação do campo. Neste artigo optamos por listar somente os apresentados como formadores do núcleo pioneiro dos estudos radiofônicos brasileiros. Recomendamos a leitura do artigo de Haussen (2018), disponível online, para melhor compreensão deste movimento acadêmico.

aprofundamento. Esta crítica – seja defendendo a diversificação das estratégias e ferramentas metodológicas, seja defendendo abordagens epistemológicas diversas – integra um movimento mais recente nos estudos radiofônicos brasileiros e ecoa na produção de distintos autores (Kochhann, 2024; Lopes et al., 2024; Lopes et al., 2023; Lopez, Betti & Freire, 2024; Lopez & Oliveira-Lopes, 2024; Viana, 2023; Zuculoto, Betti & Farias, 2022; Betti, Zuculoto, 2021; Kischinhevsky, 2021; Kischinhevsky et al., 2017).

O gênero nos estudos radiofônicos brasileiros

O projeto de pesquisa “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo”, âncora principal deste artigo, é desenvolvido na Universidade Federal de Ouro Preto e conta com a participação de pessoas pesquisadoras de distintas universidades brasileiras e estrangeiras e com financiamento CNPq. A proposta se apresenta inicialmente como uma busca pela identificação e compreensão das epistemologias dos estudos radiofônicos brasileiros, endereçadas a partir do que consideramos ser os fóruns de maior representatividade e atualização da área: os grupos de trabalho especializados nos principais encontros de comunicação do Brasil.

Analizamos, neste escopo, as publicações vinculadas aos grupos de estudos radiofônicos da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e publicações sobre o tema apresentadas na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. O projeto realizou o levantamento de todos os artigos publicados nestes fóruns e sua catalogação a partir de duas planilhas organizadas de modo a permitir compreender alinhamentos teórico-metodológicos, perspectivas vinculadas à autoria, às redes de citação de autores e às fontes adotadas nas produções.

Inicialmente, o projeto não adotou chaves interseccionais de análise. Mas o olhar para a amostra e as reuniões semanais realizadas para a discussão dos dados obtidos pela codificação manual coletiva revelaram ao grupo a necessidade de rever objetivos e encaminhamentos originalmente alinhados de maneira exclusiva à metodologia. Assim, a proposta vincula-se a pesquisas irmãs¹⁴ e passa a construir uma abordagem de gênero,

¹⁴ A pesquisa é construída em articulação com os projetos: “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos mineiros sob a perspectiva de gênero” (Fapemig), coordenado por Debora Cristina Lopez na UFOP; “Gênero na pesquisa em rádio e mídia sonora: desafios epistemológicos”, coordenado por Juliana Gobbi Betti financiado pela UFOP e “A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico”, coordenado por Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto e desenvolvido na ALCAR e no Girafa/UFSC.

interseccional e associada à perspectiva do corpus sensível (Pessoa, 2023) a partir da consideração das experiências e vivências dos sujeitos que pesquisam na reflexão sobre as epistemologias dos estudos radiofônicos.

Em um cenário no qual a liderança e a produção feminina sempre foram proeminentes, a categoria gênero (Scott, 1995) passa a se destacar no projeto ao olharmos para os dados. Uma pesquisa realizada como proposição metodológica e aproximação à amostra revelou um desequilíbrio entre as citações a autores homens e autoras mulheres nos estudos radiofônicos brasileiros (Lopez et al., 2024). Delimitada como um teste metodológico, a iniciativa não possui amostra significativa, mas aponta para uma realidade que, posteriormente, foi confirmada nos dados gerais do projeto: o baixo reconhecimento do lugar das mulheres como produtoras de conhecimento na área.

O diálogo estabelecido com os dados, como dissemos, levou a equipe de pesquisa a repensar a proposta original, passando a olhar para a amostra através de uma lente de gênero de perspectiva interseccional. Observamos, então, a estruturação do campo a partir da gestão. Consultamos as coordenações atuais e anteriores dos grupos de trabalho dos eventos das principais associações de comunicação da área buscando perfilar as lideranças dos estudos radiofônicos brasileiros. Estes dados foram depois cruzados, dentro das possibilidades do projeto, com os resultados das análises bibliométricas realizadas e tensionados contextualmente¹⁵.

A codificação foi organizada em duas planilhas: uma sobre os dados dos trabalhos apresentados nos eventos e outra que analisava o campo “referências bibliográficas” destes artigos. Na primeira delas, foram codificados os dados: ano; título; autoria e coautoria; gênero de autoria e coautoria; tipo de autoria; região de origem da autoria; conceitos acionados; palavras-chave; resumo; métodos adotados; natureza da pesquisa e vínculos institucionais da autoria. Na segunda planilha, que analisa o campo “referências bibliográficas” dos artigos, as variáveis observadas foram: autoria, ano, título e gênero de autoria citante; e, sobre as referências citadas, autoria; ano; gênero; tipo de autoria; gênero textual; origem da autoria e origem da publicação.

¹⁵ Uma das dificuldades do projeto reside na impossibilidade de identificar gênero, sexualidade, classe e raça das pessoas autoras em cada um dos textos e referências. A sexualidade, a classe e a raça não foram exploradas nas autorias e referências. Já o gênero foi explorado em perspectiva binária, já que a identificação foi realizada através de uma categorização dos prenomes citados e análise das notas de biografia. Reconhecemos que essa abordagem apresenta lacunas e estamos, no projeto, trabalhando em alternativas metodológicas para ampliar as possibilidades de coletas e interpretações das informações referentes a essas categorias.

Depois de realizada a codificação a partir destes parâmetros, a equipe eliminou eventuais inconsistências, como grafias distintas de nomes e sobrenomes, abreviaturas ou quaisquer outras ocorrências que derivassem em distorções dos resultados. As planilhas, então, foram tratadas no software Tableau, que permite o cruzamento de variáveis e a construção de visualizações.

Para este texto, trabalhamos com três conjuntos de dados: 1) 321 artigos apresentados no GT História da Mídia Sonora do Encontro Nacional de História da Mídia, entre os anos de 2003 e 2021¹⁶, totalizando uma média de 24,69 textos por ano. Nestes artigos, foram aplicados os códigos de “rede de autoria” às 5105 referências, somando uma média de 15,90 entradas por artigo; 2) 40 artigos que tratam de estudos radiofônicos compõem a amostra do Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 2000 e 2021, somando uma média de 1,90 artigos anuais. A codificação na planilha “rede de autoria” derivou em 837 referências, totalizando uma média de 39,85 entradas por artigo; 3) ainda que o GP Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação tenha iniciado suas atividades em 1991 (com anais disponíveis a partir de 1994), neste artigo apresentamos uma amostragem aleatória do total, considerando que o processo de codificação destes dados ainda está em andamento. Trabalhamos, então, com as publicações apresentadas no GP nos anos 1995, 1997, 1998, 2000, 2003, 2010 e 2015. Essa amostragem soma 201 artigos, uma média de 28,71 textos por ano¹⁷, que somaram 2201 referências, com média de 10,95 entradas por artigo. Em relação à média de obras citadas por texto no GP da Intercom é importante explicar que os trabalhos da década de 1990 possuíam menor número de citações devido ao momento que viviam os estudos radiofônicos, com pesquisas mais vinculadas ao registro de experiências e o início das aproximações teóricas da área. Além disso, na amostra selecionada foram identificados dois artigos sem nenhuma obra citada no campo “Referências bibliográficas”, seja ao final do artigo, seja em notas de rodapé.

¹⁶ O período selecionado inicia-se no primeiro ano de funcionamento do grupo e pode ser organizado em dois interstícios: realização anual entre 2003 e 2009 e realização bienal entre 2009 e 2021.

¹⁷ Importante destacar que a média de publicações neste grupo de pesquisa variou, intensificando-se especialmente a partir da primeira metade dos anos 2000 e mantendo-se, a partir disso, em 35 artigos anuais.

Pesquisas em História da Mídia Sonora

Os estudos radiofônicos brasileiros, como dissemos anteriormente, podem ser identificados como território predominantemente feminino. Se isso se demarca na gestão e na composição do grupo (Lopez et al., 2024), reflete-se também nas pesquisas. Ao olharmos para os estudos em história da mídia sonora, identificamos que, nos 321 textos que compõem a amostra (especificamente sobre os artigos apresentados no Encontro Nacional de História da Mídia), 1758 (34,44%) são de autoria feminina simples, 1283 (25,13%) são de autoria masculina simples, 265 (5,19%) de autoria masculina coletiva e 972 (19,04%) de autoria híbrida coletiva. Deste total, 50,64% dos artigos são assinados exclusivamente por mulheres e 30,32% por homens.

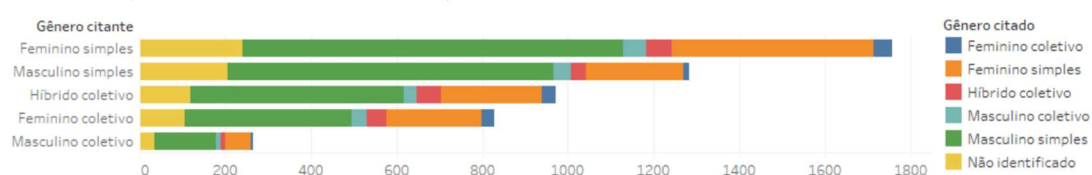
Os números dialogam com os dados de formação de recursos humanos de pesquisa no Brasil. Segundo dados compilados pelo Nexo Jornal (Zanlorenssi; Hemerly, 2023) a partir da Plataforma Lattes, entre 2010 e 2021 um total de 72,7% das pessoas tituladas com mestrado são mulheres e 53,1% das tituladas com doutorado são homens. Ainda que sejam maioria entre as novas titulações de doutorado, o reconhecimento por pares e a iniquidade de gênero no mundo acadêmico dificultam a consolidação e a evolução das mulheres na carreira acadêmica. Como revela o Índice da igualdade de gênero nas universidades públicas do estado de São Paulo (Marques, 2025), que analisa dados da USP, Unesp, Unifesp, Unicamp, UFSCar e UFABC, a proporção se altera conforme se olha para os níveis mais altos da carreira docente. Os dados revelam uma proporção de 55,2% de mulheres doutoras e 44,8% de homens doutores em primeiro nível na universidade, mas uma inversão para 70,6% de homens e 29,4% de mulheres titulares, considerado o topo da carreira nestes espaços.

Realidade similar se apresenta quando olhamos para a produção científica. Se o mundo acadêmico impõe barreiras para o crescimento das mulheres na ocupação de cargos, na conquista de financiamentos ou bolsas de mérito acadêmico, impõe também mais desafios para que sejam reconhecidas como produtoras de conhecimento (Lopez et al., 2024). Em um olhar para as referências bibliográficas citadas nos artigos sobre história da mídia sonora apresentados no Encontro Nacional de História da Mídia, entre as 5105 obras referenciadas, 1214 (23,78%) são de autoria feminina simples, 2681 (52,52%) são classificadas como de autoria masculina simples, 123 (2,41%) são de autoria feminina coletiva, 170 (3,33%) são de autoria masculina coletiva e 212 (4,15%) são de autoria híbrida coletiva. A autoria dos 705 (13,81%) restantes está categorizada

como não identificada. Observamos, então, que 55,85% das referências analisadas são masculinas, enquanto somente 26,19% são femininas.

Percebe-se ainda uma diferença entre o gênero das pessoas autoras citadas em obras escritas por homens e mulheres, o que reforça nosso argumento sobre a menor legitimação da autoridade científica das mulheres, podendo também representar uma estratégia, consciente ou não, de manutenção do espaço de poder ocupado pelos homens nos espaços acadêmicos. No caso de pesquisadores homens, seja em autoria individual ou coletiva, o percentual de citação a obras masculinas chega a 62,5%, enquanto a feminina se limita a 18,7%, isto é, a referência a produções masculinas é mais de três vezes superior à feminina. Já nos artigos assinados por mulheres, o gap de citações diminui, embora ainda seja considerado alto. No total, 53,6% das referências são de obras de autoria masculina e 29,3% de feminina. Isso representa uma citação quase duas vezes maior aos autores do que às autoras.

Gênero de quem referencia x Gênero de quem é referenciado



Fonte: autoria própria a partir dos artigos apresentados no Encontro Nacional de História da Mídia

Compreendemos que esta realidade guarda relações com uma naturalização do homem como sujeito de referência no mundo científico, imagem construída e consolidada no imaginário social, também, a partir da difusão de representações masculinas de cientistas desde a infância, inclusive em livros didáticos (Silvério; Verrangia, 2021) e meios de comunicação, que se revelam no fazer científico de todas as pessoas pesquisadoras. “No Brasil, a desigualdade de gênero na ciência tem caráter estrutural, constituindo-se inerente a questões étnico-raciais e de classe” (Lopez et al., 2024, p. 259). Desta forma, para compreender como essas barreiras se inscrevem no fazer científico é preciso pensar no entrecruzamento de categorias de análise, reconhecendo o gênero, mas também a raça, a classe, a sexualidade, a deficiência e outras perspectivas como protagonistas no (não) reconhecimento dos sujeitos como seres pensantes produtores de conhecimento. A compreensão colonial da ciência, que ignora ou nega epistemologias

plurais e outros pontos de vista sobre o fazer científico incorre no erro da exclusiva orientação pelo canônico, eximindo-se da alteridade, da escuta do outro e do reconhecimento dos relatos construídos por outras lentes.

Ao fazermos uma análise qualitativa das referências dos artigos analisados, identificamos que entre os doze autores com maior número de citações na amostra, estão quatro homens e oito mulheres. Todos os homens e cinco mulheres já atuaram na gestão de grupos de pesquisa em rádio da Alcar ou da Intercom, os dois mais antigos dos estudos radiofônicos brasileiros. Entre as mulheres, cinco estão entre as pioneiras dos estudos radiofônicos e uma delas é considerada uma das principais referências em sua área de estudos na comunicação.

Entre as doze pessoas mais citadas há somente quatro homens, mas quando olhamos para o quadro geral, os dados revelam que os autores são duas vezes mais citados que as mulheres. Desta forma, inferimos que há uma dissipação das referências a homens e consequente autorização à fala dos autores masculinos. Já no caso das autoras, ainda que sejam 50% menos citadas em média, há oito nomes entre os doze mais referenciados. Essa concentração das referências revela que poucas são as vozes femininas autorizadas na área. Destacamos aqui que estas oito não são as únicas mulheres citadas, mas que elas concentram a maior parte das citações. Isso permite compreender uma naturalização do reconhecimento do pesquisador homem e uma dificuldade para obter reconhecimento e autoridade científica para as pesquisadoras mulheres, sendo exigido delas um diferencial – seja ele pioneirismo ou liderança. Observa-se, então, uma naturalização, muitas vezes não percebida, do desmerecimento e da desvalorização da mulher na ciência e nos grupos de estudos radiofônicos brasileiros.

Pesquisas na Pós-graduação em Comunicação

A Compós reúne pessoas pesquisadoras vinculadas a programas de pós-graduação em Comunicação do Brasil em distintos níveis: mestrandos, mestres, doutorandos, recém-doutores e doutores sêniores, com predominância da última categoria. Com uma dinâmica de trabalho distinta dos demais eventos, a Compós tinha, até 2024, um limite de 10 artigos apresentados por grupo de pesquisa, o que reduz a composição da amostra se observada em comparação aos demais grupos. As normas do evento permitem maior desenvolvimento dos artigos, com limite de caracteres maior, o que afeta a quantidade de referências utilizadas, como vimos na descrição da amostra.

Por se tratar de um espaço de debates vinculado à pós-graduação, possui uma configuração de autoria distinta dos demais grupos, em que predominam as autorias masculinas. Entre os 40 trabalhos apresentados na Compós, 19 têm autoria masculina, 16 têm autoria feminina e cinco têm autoria híbrida coletiva. Olhando para os dados completos, identificamos 47,5% dos artigos assinados exclusivamente por homens e 40% por mulheres.

Como dissemos, são 837 obras referenciadas nos artigos sobre mídia sonora publicados no Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: 167 (19,95%) são de autoria feminina simples, 470 (56,15%) são classificadas como de autoria masculina simples, 13 (1,55%) de autoria feminina coletiva, 66 (7,88%) são de autoria masculina coletiva e 39 (4,65%) de autoria híbrida. Ainda, 82 (9,79%) são classificadas como de autoria não identificada. Importante destacar que entre elas predomina o perfil institucional, que contempla autoria de empresas ou organizações. As referências a trabalhos de autoria masculina representam quase três vezes mais do que os de autoria feminina, replicando a dinâmica de (não)reconhecimento do lugar de produção de conhecimento da mulher identificada nos trabalhos da Alcar. No total, 64% das referências analisadas são masculinas, enquanto somente 21,5% são femininas.

Relacionando o gênero da autoria com o gênero das referências, observamos que tanto homens quanto mulheres tendem a citar mais trabalhos de autoria masculina. A predominância das referências masculinas, representadas na visualização pelas cores rosa e roxo, é perceptível em todas as obras. Já a feminina, representada pelas cores laranja e azul, possui mais variações. Artigos de autoria feminina simples referenciam 58,59% de textos masculinos e 25,61% de textos escritos por mulheres. Enquanto os artigos de autoria masculina simples referenciam 64,21% de textos escritos por homens e somente 17,54% de obras de autoria feminina. O que chama mais a atenção na amostra é a baixa menção, em ambos, a textos de autoria feminina coletiva: 1,75% por mulheres e 1,05% por homens.

Os textos da Compós, ao contrário dos demais fóruns, apresentam similaridade no padrão de referências dos textos de autoria masculina e feminina. Isso pode refletir o perfil do próprio evento. Considerado um espaço privilegiado de debates mais complexos sobre a pesquisa em Comunicação, é mais ocupado não só por pesquisadores homens, como também pelos debates que eles ancoram. Este modelo de fazer ciência tem sido

tensionado nos últimos anos não somente na Compós, como no campo da Comunicação como um todo, incluindo os Programas de Pós-Graduação.

O fórum inaugural dos estudos radiofônicos brasileiros

O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom é o fórum de debates sobre estudos radiofônicos mais antigo do Brasil. Com direcionamento generalista, que contempla distintas abordagens dos objetos sonoros e variados níveis de formação, de estudantes de graduação a pessoas em topo de carreira, é considerado o eixo das produções coletivas (Del Bianco; Zuculoto, 2021) e o agregador afetivo da área.

Ao olharmos para o total da nossa amostra, as referências citadas seguem o padrão observado nos demais grupos, com a predominância de citações a obras masculinas (48,33%) sobre as de autoria feminina (24,02%). Esta diferença chama a atenção quando lançamos um olhar contextual para a formação do campo. Consideramos que os estudos radiofônicos brasileiros reconhecem o pioneirismo e a capacidade de liderança das mulheres na sua constituição. Como dissemos em pesquisas anteriores (Lopez et al., 2025, p. 172): “No total, 100% das gestões são conduzidas por pessoas autoidentificadas como cisgênero, sendo que mulheres cisgênero ocupam 58,33% dos espaços de coordenação no GP da Intercom, 88,89% no GT da Alcar e 66,6% no GT da Compós”. Antes mesmo do campo da Comunicação explicitar preocupações com equilíbrio de gênero nos cargos de liderança das associações, os grupos de estudos radiofônicos naturalmente possuíam predominantemente mulheres à sua frente.

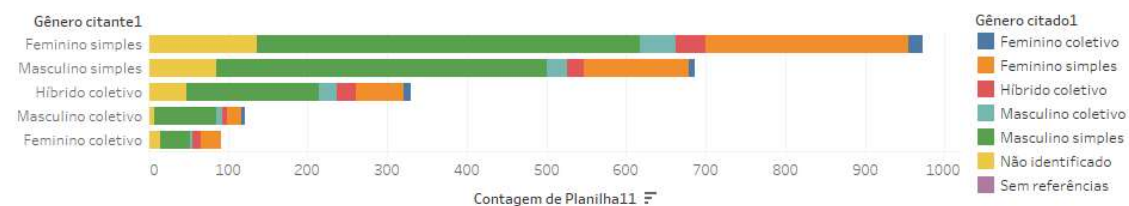
Não se trata, então, de um não diálogo ou uma não escuta no cotidiano. Trata-se de uma replicação de uma realidade da academia, orientada por certezas de raiz colonial, eurocêntrica, branca, heterossexual, cisgênero e masculina. Como nos lembra bell hooks (2019), em sua vida – profissional inclusive –, a mulher convive com uma estrutura patriarcal que possui mecanismos de opressão que garantem a manutenção do poder hegemônico. O ambiente acadêmico insere-se nesta realidade e alimenta práticas que garantem a detenção do poder por um determinado grupo.

A perspectiva do teto de vidro (Lopes, Ferreira, Afonso, 2024), metáfora que demonstra como as mulheres ascendem na carreira até um determinado limite, quando “batem no teto de vidro” e veem a continuidade de ascensão de seus colegas homens, não se limita à gestão, mas expande-se para todas as instâncias do trabalho acadêmico. Marília Moschkovich e Ana Maria F. Almeida (2015) indicam não só a menor presença de mulher

em altos cargos de gestão acadêmica, mas também que elas demoram mais tempo para chegar ao topo da carreira. Em relação à gestão, as autoras destacam que mulheres têm mais chance de serem coordenadoras de graduação, mas “estão mais excluídas da coordenação de pós-graduação, das diretorias de faculdades e institutos, da reitoria e do conselho universitário” (p. 781), o que dificulta o equilíbrio das relações de poder no universo acadêmico.

Percebemos, então, seja na gestão ou na produção de ciência, que as mulheres são reconhecidas como sujeitos capazes de organizar espaços e relações, mas não, como regra, de avançar na construção do conhecimento. O maior índice de citações de mulheres que já passaram por cargos de gestão ou que são pioneiras na constituição do campo, como indicamos na análise de dados da Rede Alcar, revela uma necessidade imposta às mulheres de, para serem reconhecidas por seu trabalho científico, destacarem-se de alguma maneira.

Gênero de quem referencia x Gênero de quem é referenciado



Contagem de Planilha1 para cada Gênero citante1. A cor mostra detalhes sobre Gênero citado1.

Fonte: autoria própria a partir dos artigos apresentados no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom

Ao olharmos para as referências organizadas a partir do gênero da autoria dos artigos, percebemos que as mulheres utilizam mais fontes que os homens – prática que se repete nas três amostras. Em relação ao gênero das obras citadas, o padrão de menor percentual de referências às obras femininas também se repete. Os textos de autoria feminina simples referenciam 53,26% de autores homens e 28,06% de mulheres, enquanto os artigos de autoria masculina simples têm em suas referências 20,26% de materiais escritos por mulheres e 64,29% escritos por homens.

Considerações finais

Partindo da problematização das desigualdades de gênero na ciência e das limitações para a construção de um olhar interseccional, este artigo discute a

especificidade do campo dos estudos radiofônicos, evidenciando que os dados consolidados até a presente etapa permitem reconhecer que há uma subvalorização da produção científica das mulheres. No projeto, buscamos lançar um olhar complexificado a estes dados, que nos levarão à realização de entrevistas com pessoas pesquisadoras responsáveis pela consolidação epistemológica da área. Para isso, serão aplicadas variáveis de gênero, raça, sexualidade e territorialidade, de modo a diminuir os impactos das desigualdades inscritas nas pesquisas analisadas.

De modo geral, temos observado a emergência da perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos a partir de três abordagens distintas em sua centralidade, mas convergentes em suas percepções e demandas. Ao reconhecerem a ausência no relato histórico hegemônico de profissionais mulheres e suas contribuições ao meio, a invisibilização do conhecimento produzido por mulheres no conjunto de referências que fundamenta o desenvolvimento teórico-metodológico na área e a urgência de compreendermos como as problemáticas de gênero vêm sendo abordadas nas produções sonoras, as pesquisadoras e pesquisadores vêm construindo um movimento crescente que busca não apenas compreender a realidade, mas transformá-la.

É neste sentido, partindo do entendimento da realidade para propormos mudanças, que temos caminhado neste projeto, direcionando nossa atenção para as práticas científicas. Trata-se de um novo encaminhamento no exercício epistemológico constantemente realizado pelo grupo, um amadurecimento do diálogo crítico entre os pares e também com a sociedade, fortalecendo a relevância do conhecimento produzido em nossa área dentro do cenário político-social contemporâneo.

Nesta perspectiva, olhar de forma contextual para a produção científica dos estudos radiofônicos revela-se como uma estratégia para compreender a construção das epistemologias possíveis na área. Os dados da amostra dos três eventos demonstram que os estudos radiofônicos brasileiros legitimam a autoridade científica e epistêmica masculina, especialmente – mas não exclusivamente – na produção de homens. Percebemos que a citação a obras de autoria masculina é mais difusa, contemplando uma diversidade de autores referenciados, enquanto a feminina é concentrada em lideranças – sejam ex-coordenadoras dos grupos ou pesquisadoras pioneiras na área. Isso representa um reconhecimento do lugar hegemônico ocupado pelo homem como sujeito de referência no fazer científico. Isto é, a mulher cientista precisa, para receber maior reconhecimento, provar-se em outros espaços ou obter algum tipo de destaque. Já o

homem cientista não enfrenta esta barreira invisível, mas assume de modo mais natural o lugar que lhe é garantido pela comunidade acadêmica.

Ainda que não seja nosso objetivo neste artigo, em toda a amostra percebemos também desigualdades territoriais. Quando olhamos para as referências não brasileiras, predominam autores do norte global e quando olhamos para as referências nacionais, as fontes das regiões Sudeste e Sul do Brasil são mais presentes. Estas apropriações não costumam passar por tensionamentos e adequações pensados a partir de realidade regional, mas são apropriadas e replicadas em objetos inscritos em contextos específicos. Estas questões, aliadas aos debates de raça e classe, são fundamentais para compreendermos a partir de que lugares se constituem as epistemologias nos estudos radiofônicos brasileiros. Defendemos, em artigo anterior (Lopez, Betti e Freire, 2024), a necessidade de repensar nossos fazeres epistêmicos buscando por mais pluralidade e construindo olhares decoloniais que repensem a história – do passado ou do presente – dos estudos radiofônicos. Observamos na amostra um padrão que reitera as desigualdades e reforça os privilégios estabelecidos por uma organização do mundo científico baseada em uma perspectiva masculina (branca, cis, hetero, regionalmente localizada etc.), reforçando uma unicidade epistemológica que prejudica a diversidade característica do objeto sonoro e, portanto, do campo em si.

Iniciamos este caminho discutindo a naturalização do desmerecimento e da desvalorização da mulher na ciência, buscando ampliar e aprofundar o olhar para as interseccionalidades, especialmente nos grupos de estudos radiofônicos brasileiros, o que tem gerado processos de reflexão e possível mudança.

Defendemos que este movimento pode ser realizado, especialmente se considerarmos que os estudos radiofônicos brasileiros se caracterizam pelos afetos, pela coletividade, pelos esforços de formação e pelo compromisso com a construção do conhecimento científico. Este potencial afetivo reflete um cenário que vai além da pesquisa em si, abrangendo a própria conformação do fenômeno de pesquisa. Como lembram Eduardo Vicente et al. (2021, p. 3), “a relação amorosa entre o Brasil e o rádio já é centenária, e a presença do veículo na sociedade brasileira sempre se deu de forma bastante intensa”.

Esta relação orientada pela coletividade se apresenta, como dissemos, nos eventos, nos debates e na própria consolidação do campo. Os eventos que analisamos, cada um em sua especificidade, recebem pessoas pesquisadoras de distintos níveis de

formação e, por isso, as formas de fazer ciência e os debates epistemológicos que assumem impactam diretamente as gerações futuras dos estudos radiofônicos. Repensar nossas práticas olhando para a ciência que nós mesmas e nós mesmos construímos, revendo modos de fazer, certezas epistemológicas e históricas, verdades hegemônicas e reconhecimento de certos corpos como canônicos é um movimento que pretende construir uma mirada mais crítica, plural e ancorada em experiências acadêmicas diversas.

Referências

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 207–228, jan. 2008.

BETTI, Juliana Gobbi; LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo; GARIGLIO, Livia. Mulheres na pesquisa em história da mídia sonora: um olhar bibliométrico para os estudos radiofônicos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 47, 2024, Balneário Camboriú. *Anais [...]* São Paulo: Intercom, 2024.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13, 2021, Juiz de Fora (MG), Brasil. *Anais [...]*. São Paulo: Alcar, 2021.

CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida et al. As mulheres são menos citadas do que os homens em artigos científicos? Uma análise do comportamento de citação relacionado ao gênero nas pesquisas em etnobiologia. *Ethnoscientia*, v. 6, n. 2, p. 20-39, 2021.

DEL BIANCO, Nelia R.; ZUCULOTO, Valci. 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 12, n. 2, p. 82-109, 2021.

HAUSSEN, Doris Fagundes. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, 2018, Joinville (SC). *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2018.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44, 2021, Online. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI– Chaves conceituais e objetos de pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (RBCC), Intercom, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 91-108, set./dez., 2017.



KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 15, n. 3, p. 06-21, 27 dez. 2024.

LIMA, Zita de Andrade. *Princípios e técnica de radiojornalismo*. Brasília: Icinform, 1970.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). *Ciências da Comunicação no Brasil 50 anos: Histórias para contar*. Editora: São Paulo: Fapesp/Intercom/Unesp/ ECA-USP, 2015.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MEIRELES, Norma; MONTEIRO, Patrícia. Metodologias em circulação em artigos sobre rádio na Compós. In: Encontro anual da Compós, 33, 2024, Niterói (RJ). *Anais [...]*. Campinas: Galoá, 2024.

LOPES, Paulo Fernando Carvalho; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges; MONTEIRO, Patrícia. Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 14, n. 3, p. 9-39, 2023.

LOPES, Gabriela Barroso; FERREIRA, Júlio Cesar Valente; AFONSO, Herlander Costa Alegre Gama. O fenômeno do “teto de vidro”. Vieses geopolíticos das produções em periódicos indexados. *Rev. Cien. Soc.*, Montevideo, v. 37, n. 54, e301, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo. Análise de discurso sonoro: uma proposta metodológica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 47, 2024, Balneário Camboriú (SC). *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2024

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologias Dos Estudos Radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais. In: Encontro anual da Compós, 33, 2024, Niterói (RJ). *Anais [...]*. Campinas: Galoá, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. Análise de referências com apoio em software: uma proposta metodológica para a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: GOBBI, Maria Cristina; MORAIS, Osvando J. de; RENÓ, Denis (org.). *Reflexões e práticas acadêmicas na comunicação latino-americana*. Lisboa: Ria Editorial, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; SILVA, Ariane Stéfanie da; ROZA, Sabrina Kelly. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. *Encuentros Latinoamericanos* (segunda época), [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; MUSTAFÁ, Izani. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1-2, p. 189–206, 2012.



MARQUES DE MELO, José. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São Paulo: Paulus, 2003.

MARQUES DE MELO, José (Coord.). *Teoria e pesquisa em comunicação: Panorama latino-americano*. Cortez; Intercom; CNPq, 1983.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (Orgs.). *Pensamento comunicacional brasileiro: o legado das Ciências Humanas*. Vol. 1 - História e sociedade. São Paulo: Paulus, 2014.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (Orgs.). *Pensamento comunicacional brasileiro: o legado das Ciências Humanas*. Vol. 2 - Cultura e poder. São Paulo: Paulus, 2015.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme (Orgs.). *Pensamento comunicacional brasileiro: o legado das Ciências Humanas*. Vol. 3 - Mídia e consumo. São Paulo: Paulus, 2015.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; BARBOSA, Sérgio (org.). *Comunicação latino-americana: o protagonismo feminino*. São Bernardo do Campo: UESP; Adamantina; FAI, 2003.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (org.). *Valquírias midiáticas*. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2010.

MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org.). *Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a pioneira)*. Florianópolis: Insular, 2015.

MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

MOLINA, Ane. *Como Saber o Gênero: Ciência, Cotidiano e Decolonialidade*. Brasil: Editora Erodonte, 2021.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: Aníbal Bragança; Sonia Virgínia Moreira. (Org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. 1 ed. São Paulo: Intercom, v. 1, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia. A pesquisa sobre rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*. Santos: Universidade Santa Cecília, 1999.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria. Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica no Brasil. *Dados*, v. 58, n. 3, p. 749–789, jul. 2015.



OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. Desigualdades de gênero no subcampo científico da comunicação: o teto de vidro no quintal. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 1, p. 141–163, 2023.

ORTRIWANO, Gisela S. *Os (des)caminhos do Radiojornalismo*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

PRATA, Nair; JACONI, Sônia; SANTANA, Flavio. *Pensamento comunicacional na América Latina* - textos antológicos e autores emblemáticos. São Paulo: Intercom, 2019.
PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, Profissão e Mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2001 (1967).

PAIVA, José Eduardo Ribeiro de. Zita, Pioneira do Radiojornalismo Brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; PRATA, Nair (org). *Radialismo no Brasil: cartografia do campo acadêmico*. (Itinerário de Zita, a pioneira). Florianópolis: Insular, 2015.

PESSOA, Sônia Caldas. Travessias científicas: vulnerabilidades nossas em terra firme ou mar revolto. In: SARAIVA, Luiz Alex Silva; PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. (org.). *Metodologias vulneráveis*. Cachoeirinha: Fi, 2023.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 47-81, mai./ago. 2021

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – O protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA; Nair (Orgs.). *Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e Cenários*. Braga: CS Edições, 2015, v.1, p.219-238.

PRATA, Nair; MUSTAFÁ, Izani; PESSOA, Sonia. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 3, n. 1, p. 65-82, 2014.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995.

SILVÉRIO, Florença F.; VERRANGIA, Douglas. O cientista é um homem branco ocidental: Uma análise de livros didáticos de Biologia. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 332–360, 2021.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 43, n. 3, 2020.

VIANA, Luana. *Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral*. Florianópolis: Insular, 2023.

VICENTE, Eduardo; LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Estudos radiofônicos para além de efemérides. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 12, n. 2, p. 2-9, 19 nov. 2021.



ZANLORENSSI, Gabriel; HEMERLY, Giovanna. *Mulheres são a maioria entre novos mestres e doutores no Brasil*. Nexo, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2023/03/07/mulheres-sao-a-maioria-entre-novos-mestres-e-doutores-no-brasil>. Acesso em 30 mai. 2025.

ZUCULOTO, Valci R. M.. A história do campo acadêmico e os 25 anos de estudos radiofônicos no Brasil. In.: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo. (Orgs). *Estudos Radiofônicos no Brasil - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*. São Paulo: Intercom, 2016.

ZUCULOTO, Valci; BETTI, Juliana Gobbi; FARIAS, Karina Woehl de. Desafios epistemológicos da perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), 12, 2022, Buenos Aires, Argentina. *Anais [...]*. São Paulo: Alaic, 2022.

WOTTRICH, Laura; FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ, Milena; HABCKOST, Gabriela; HAAG, Antônia Tâmara. Um retrato, a mesma face: desigualdades de gênero no campo científico da Comunicação. *Esferas*, v. 1, n. 27, p. 1-23, 26 ago. 2023.